

Artistas

Agostinho Santos
Albuquerque Mendes
Armando Alves
Artur Moreira
Benedita Kendall
Emerenciano
Evelina Oliveira
Francisco Laranjo
Gémeo Luís
JAS
Jorge Curval
José Emídio
José Rodrigues
Júlia Pintão
Mami Higuchi
Mami Higuchi
Manuela Pimentel
Mónica Baldaque
Paulo Neves
Rui Anahory
Sobral Centeno

Escritores

Albano Martins
Alice Vieira
Ana Luísa Amaral
Eduarda Paz
Fernando Guimarães
Filipa Leal
Francisco Duarte Mangas
Germano Silva
Gonçalo M. Tavares
Guilherme Figueiredo
Jota Velloso
José Viale Moutinho
Luís Neiva Santos
Manuel Cabral
Mário Cláudio
Ren Ito
Norma Pott
Mónica Baldaque
Nuno Higinio
Pedro Abrunhosa
Myriam Fraga

Não conheci, na Quinta do Pinheiro, as sebes vivas [de camélias] evocadas por João Barreira, amigo de plantas até se evolvar da vida como aroma de cálice antigo, cálice que se quebrou sem deixar de ser cristalino. Merecia outro nome a velhice de João Barreira, tão clara e tão cantante foi durante um século, o grande esteta, se vive mais seis anos, festejaria, de cratera em punho, o seu centenário. Com uma gota de vinho duriense, entoaria, em louvor do sol dionísíaco, o seu *evoé*.

Não conheci, no meu tempo, as *sebes vivas de camélias* da Quinta do Pinheiro. Tinham sido sacrificadas a ampliação do colégio – novos edifícios e novos recreios. Mas, no velho jardim, a frente da velha casa, ainda havia, em redor da taça, velhas japoneiras. Não há palmo de terra devoluto, aí no Porto que não acaricie uma camélia. Convirá que se escreva um dia a história das camélias portuenses, filhas adoptivas da cidade comercial. Flores descritas de alguns poetas, já me lembrei de espetar com elas no brasão do Porto.

JOÃO ARAÚJO CORREIA



Apresentação
3 de Março de 2016
18 horas

Salão Nobre da Reitoria
da Universidade do Porto

 MODODELER

Centro Literário Marinho, Lda.
Praça Guilherme Gomes Fernandes, 43 – 4050-294 Porto
T. 222 010 458 – F. 222 011 758

«Em torno de camélias, com um porto» é um projecto que homenageia a camélia, planta que chegou do Oriente e cedo terá entrado pelo Porto, graças à abertura do seu porto e das suas gentes. Camélia que está naturalmente associada à cultura do Vinho do Porto, cujos comerciantes eram viajados, cosmopolitas e cultos. A prosperidade de que gozavam permitia-lhes ter bonitos jardins onde, naturalmente, reinavam as camélias.

No Porto realiza-se uma exposição anual de camélias que mobiliza a Cidade e a região em torno de uma árvore-flor, aqui também conhecida como japoneira, evocando as suas origens longínquas. Mobiliza os seus cultivadores e mobiliza os seus cultores. Muitos chegam ao Porto oriundos da vizinha Galiza, bem como de outras partes do mundo, da Grã-Bretanha, de França ou do Japão, para participarem numa exposição-concurso-espetáculo de camélias.

«Porto, Cidade das Camélias», um Porto que até tem uma rua chamada das Flores...

Foi assim que surgiu esta ideia, «em torno de camélias, com um porto», Porto-cidade e Porto-vinho. Desafiei artistas amigos. Definido o tema, uma *exigência*: usar Vinho do Porto na pintura. Alguns tê-lo-ão usado apenas como elemento inspirador. Desafiei também poetas-escritores. Nenhuma hesitação. Todos responderam com entusiasmo. O resultado foi uma exposição de pintura, acompanhada por um livro-objecto com os poemas. Depois, este livro.

Nas suas mãos tem agora o leitor um livro com variadas interpretações artísticas e poéticas sobre camélias, sobre a cidade, sobre o vinho. Muitas estórias. Qual é o Porto que escolhe para acompanhar esta leitura?

MANUEL CABRAL

O Presidente da Câmara Municipal do Porto,
o Reitor da Universidade do Porto e
Modo de Ler – Centro Literário Marinho, Lda.

apreciariam poder contar com a sua presença
na apresentação da obra

em torno de camélias, com um porto

dia 3 de Março às 18 horas
no Salão Nobre da Reitoria
da Universidade do Porto

Esta edição será apresentada por
Maria Bochichio

Haverá uma leitura de poemas
por **Conceição Lima** e
Miguel Pereira Leite

Será inaugurada uma Exposição de Pintura
com os trabalhos reproduzidos na edição

e servido um Porto de Honra



Estarão presentes Artistas e Poetas
que colaboraram nesta obra e
que no final autografarão a edição

Uma cidade pode ser descoberta de múltiplas formas. Por isso possui sempre uma face labiríntica onde se projectam desejos e ensaiam possibilidades com o intuito de permanecer nela para sempre. Julien Green, talvez o mais parisiense dos escritores americanos, escolhe uma bela citação de Baudelaire para abrir um livro de contornos autobiográficos em que revela a sua intimidade com Paris. Trata-se de um passo de *As Flores do Mal* onde se pode ler: «... a forma de uma cidade / Muda mais depressa do que o coração de um mortal». Os escritores e artistas plásticos que inventam neste volume camélias para o Porto exercem, cada um à sua maneira, o hábil ofício de mudar o coração desta cidade. E no espaço urbano, esse coração torna-se selvagem, como se andasse a correr pelos socacos do Douro inebriado pelo aroma das uvas. [...]

De tudo isso nos falam os autores, pela escrita ou pelo traço plástico. Dirigem-se àquilo que os cerca ou que através de cada um deles existe, para celebrar o mistério das coisas comuns. E celebrar o comum, convenhamos, não é um empreendimento que deixe intactas as nossas relações com o visível. Quando esse modo de celebrar se abre à inteligibilidade do outro, à experiência do corpo e dos sentidos, pode ter o valor de uma revelação. Como leitor deste livro acredito que ele tem a frondosa capacidade de revelar o que todos conhecemos: uma cidade e um vinho, uma e outro convocados por camélias, porque só estas podem chamar do fundo dos tempos aquilo que permanece. Eugénio de Andrade, um poeta que não escreve aqui, mas paira certamente na mente dos muitos que aqui escrevem e pintam, tem dois versos de uma tremenda simplicidade: «é urgente o amor / é urgente permanecer». As camélias traduzem com uma universal beleza esta dialéctica entre o amor e a necessidade de permanecer, de estar aqui.

EDUARDO PAZ BARROSO
[Excerto do Prefácio]